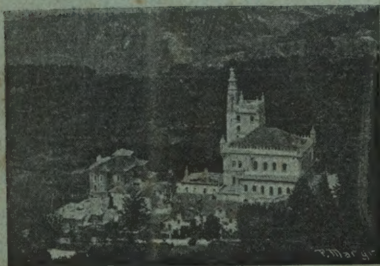
20.

ANNAES
DA
ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Cardozo Gonçalves

No Bussaco

(HISTORIA, PAYSAGEM, DESCRIPÇÕES)



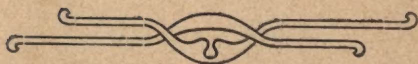
LISBOA
—
1905

ANNAES
DA
ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Cardozo Gonçalves

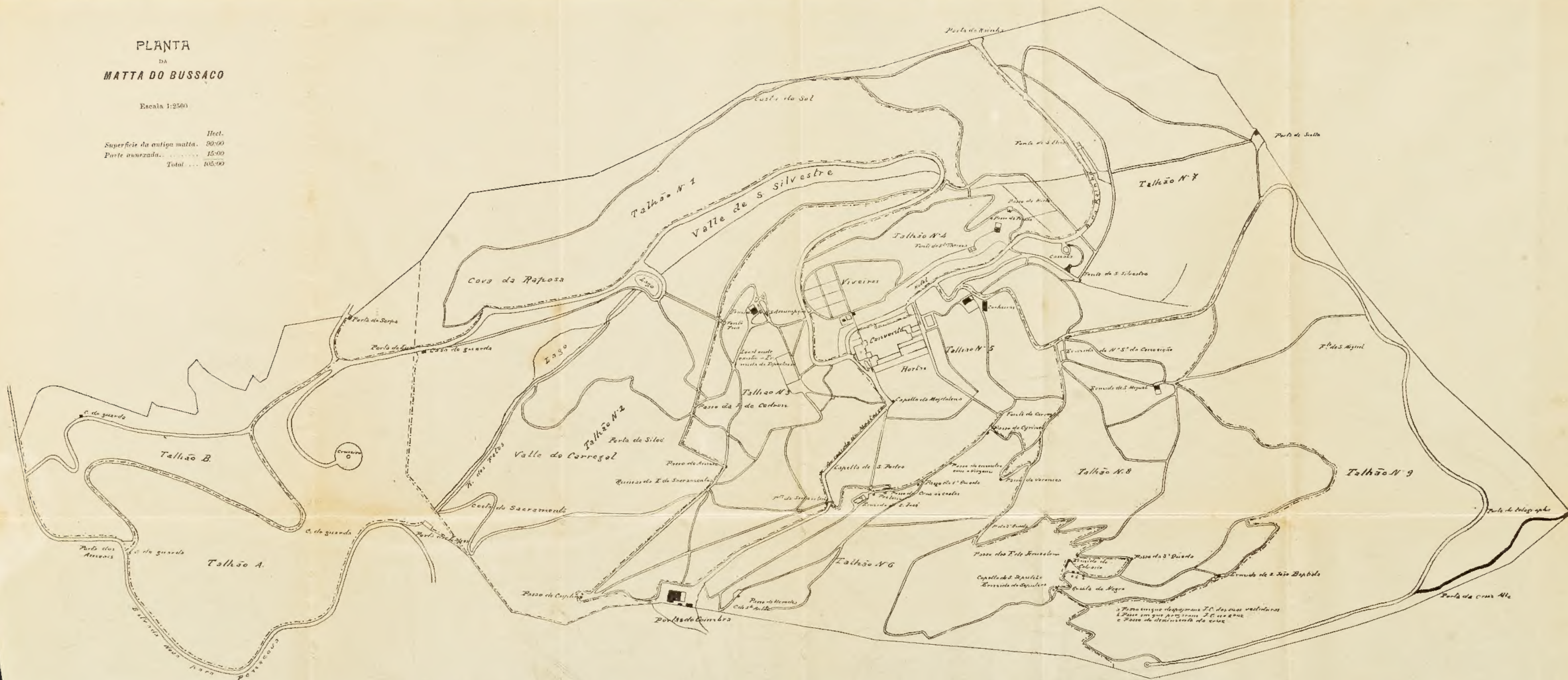
NO BUSSACO

(HISTORIA, PAYSAGEM, DESCRIPÇÕES)



LISBOA
1905

1905
IMPRENSA COMMERCIAL
Calçada do Caldas, 160
LISBOA


PLANTA
DA
MATTA DO BUSSACO
Escala 1:2500
Hect.
Superficie da antiga matta. 90:00
Parte annexada. 15:00
Total ... 105:00
Talhão N 1
Valle de S. Silvestre
Talhão N 4
Talhão N 7
Talhão N 3
Talhão N 2
Talhão N 5
Talhão N 6
Talhão N 8
Talhão N 9
Talhão B.
Talhão A.
Cova da Raposa
Lago
Viveiros
Convento
Horta
Valle do Carregal
Costa do Sacramento
Porta de Coimbra
Porta de Sula
Porta da Cruz Alta
Porta do telegrapho
Porta de Sercas
Porta de Siloé
Porta das Ameias
Casa do guarda
C. do guarda
Cruzeiro
Capella da Magdalena
Capella de S. Pedro
Ermida de N. S. da Conceição
Ermida de S. Miguel
Ermida de S. João Baptista
Capella de S. Sepulchro
Fonte de S. Silvestre
Fonte do Carregal
Fonte de S. Elias
Costa do Sol
Estrada Nova para Penacova

Back of
Foldout
Not Imaged

CAPITULO I

O Bussaco; a matta; constituição geologica; area; etymologia da palavra Bussaco

O Bussaco é a serra da Alcóba dos antigos.

Principiando junto de Penacova, na confluencia do Alva e Mondego, prolonga-se na extensão de cerca de 20 kilometros indo terminar sobre a povoação do Luzo, que lhe fica ao noroeste. Póde considerar-se uma ramificação da serra da Estrella, das mais importantes e pittorescas.

O ponto culminante da matta do Bussaco, á qual especialmente no vamos referir, é a Cruz Alta a 541 metros acima do nivel do mar. Quanto á sua constituição geologica podemos dizer, apoiando-nos nos dados fornecidos no livro do sr. Souza Mattos «O Bussaco», que os terrenos são provenientes da desaggregação de schistos, conglomerados, gréz branco e quartezites. «Os primeiros predominam desde a porta do Luzo á de Sulla, e subindo desde o valle por toda a costa do Sol, estendem-se pela de Sánto Elias, entre a porta da Rainha e aquella ultima. A Fonte Fria, o Convento e as capellas da Conceição e de S. Miguel assentam na região dos conglomerados, occupando uma zona muito mais vasta que a dos schistos. O gréz começa a dominar na capella de S. Miguel e estende-se para o sul, pelo lado do Telegrapho para o alto da serra; e finalmente a quartezite forma toda a parte meridional do valle do Carregal, estende-se pela costa do Sacramento até á Cruz Alta, por toda a região occupada pela porta de Siloé, passo d'Anaz, porta de Coimbra, Pretorio, Calvario, penhasco de Santo Antão, Gruta do Negro, e capella de S. João Baptista, isto é, por todo o occidente da matta.»

A matta do Bussaco occupa parte da vertente noroeste da serra. E' toda murada, sendo feitas as communicações para o exterior pelas portas denominadas do Luzo, das Ameias, das Lapas, Portaria da Matta ou portas de Coimbra, da Cruz Alta, do Telegrapho, de Sulla, da Rainha e de Ayres de Campos. A matta fórma um polygono irregularissimo, cujos eixos maior e menor medem respectivamente 1450 e 950 metros. A projecção horisontal do polygono é superior a 100 hectares e mede de extensão mais de 4500 metros.

*

* *

Sobre a etymologia da palavra *Bussaco* ha muitas versões, mais ou menos poeticas e pueris.

Fr. João do Sacramento, o elegante e vernaculo chronista dos carmelitas descalços, refere-se largamente a essas lendas. Encostados a tão conspicuo auctor, seguindo-lhe os dizeres pittorescos e reproduzindo tanto quanto possivel, o seu estylo imaginoso, vamos contar alguma cousa sobre o assumpto.

Dizem uns que o nome de Bussaco deriva do caso d'um negro, escravo fugido do mando e dominio de seu senhor. Recolhido n'uma cova do alto da matta (a cova ou gruta do negro abaixo do Calvario) sahia de noite a talar os campos, roubando os gados e atacando os viandantes. Aterrorisados os visinhos dos logares proximos chamavam á cova do negro *cova do boçal* (nome que davam aos pretos cerrados para differença dos ladinos e creoulos). Com o andar dos tempos *boçal* transformou-se em *bussaco*...

Outra lenda:

Entre os varios eremitas, que antes dos carmelitas descalços frequentavam os ermos da matta, havia um, cheio de annos e de virtudes, tido n'aquelles contornos por homem de inculpavel vida. Como repetisse as visitas ás ermidas e estações das cruzes, de que o sitio abundava, ficando-se n'elle em santo ocio por alguns dias, perguntavam-lhe os devotos e sobre tudo os curiosos: *que mel tirava d'aquelle favo ou que flôr d'aquelle jardim que namorado e preso d'elle o frequentava e assistia tanto?*

Então o prudente velho, forjando-o dos dedos e lançando á boca um cadeado, como em emblema ou geroglifico do silencio, respondia com sentenciosa singeleza: *D'aquelle monte*... **saco bus.**

Claro como agua que no andar dos tempos se inverteu

o *saco bus* em o melodioso nome de *bussaco*. E' esta uma prova evidente de que as grandes invenções não foram apenas, e ainda bem, apanagio do seculo XIX.

Ainda outra lenda:

Diz Fr. João de S. Thomaz, chronista da ordem de S. Bento, que nas fraldas da serra do Bussaco se levantara um convento da mesma ordem; e pelas semelhanças que os seus monges viram n'esta com as montanhas dos Tribulanos, distantes de Roma cousa de 14 leguas; e tambem em memoria da cova de *Sublaco*, que o Santo Patriarcha S. Bento ali escolhera para se entregar *ao santo ocio* da solidão, lhe puseram o nome, já referido, de *Sublaco*: e de *Sublaco* vieram a dizer e a chamar *Bussaco* a esta outra montanha...

Escolha o leitor, conforme lhe parecer melhor, qualquer das lendas apresentadas. Por nós, fiamos da veracidade de todas ou de nenhuma, conforme a crença ou o scepticismo de cada qual, em quem desejaremos conquistar sempre um amigo. Bem com uns e com outros...

O que parece facto incontroverso é ser este nome de Bussaco de muita antiguidade. Em documentos dos seculos X e XI encontram-se já referencias a elle.

Seja-nos permittido citar, servindo-nos dos dados preciosos do livro do sr. Souza Mattos, um d'esses documentos datado do anno de 1094.

E' o testamento ou acto de doação, feito em Coimbra, ao bispo e cabido d'aquella diocese pelo Governador de Portugal e Galliza, D. Raymundo, Conde de Borgonha e genro do rei de Toledo D Affonso, do mosteiro de Vacariça com todas as suas dependencias. Diz o seguinte, no latim barbaro usado n'aquelle tempo:

> *facimus cartam testamenti ecclesie sancte marie superdicte sedis épiscopalis de cenobio uoc rice, quod est situm prope ipsam colibriam subtus monte buʒacho.*

CAPITULO II

A ordem dos carmelitas descalços; sua origem; regra a que obedecia; a ordem dos carmelitas em Portugal; os Marianos; algumas anedoctas; o deserto do Bussaco; a taciturnidade dos freires carmelitanos; o caso da pêga palreira; usos e costumes.

Foram os frades carmelitas descalços os fundadores do celebre convento do Bussaco, e elles quem muraram a matta e a enriqueceram de não poucos primores d'arte, pura e singela, que no decorrer d'este modesto trabalho teremos occasião de observar.

Por agora, adoptando o methodo racional do estudo das personagens, da sua vida e dos seus costumes, antes de descrever os trabalhos de piedosa dedicação, que os immortalisaram na historia da mais bella floresta de Portugal: indaguemos quem eram os carmelitas descalços e, se fôr possivel, a sua acção social n'esses seculos já tão affastados.

E' sempre a Fr. João do Sacramento que iremos pedir auxilio n'esta difficil tarefa, servindo-nos, até onde houver vantagem, do seu modo de dizer genuinamente portuguez.

Inclina-se o nosso ingenuo chronista a crer que o principio da ordem dos carmelitas descalços data do propheta Elias no anno de 3124 da creação do mundo (927 antes de Christo). Começou no Carmelo com regras apertadissimas, tendo-lhe dado o santo propheta habito e governo conveniente á sua profissão.

A fraqueza humana e a mudança dos tempos fizeram, porém, que os rigores propheticos primitivos perdessem muito,

indo já a religião com tão grande carreira, cançada, como estava tambem a lei em que a gloriosa ordem vivia.

«Proveo então o Senhor, diz o chronista, de outro Elias, que foi o glorioso Bauptista, não só em o espirito, senão em a profissão, o qual reformou o que estava caido e o levantou a grande alteza, assi na observancia monastica, como na fé, porque com o dedo mostrou aos carmelitas o cordeiro divino, que veio a tirar o peccado do mundo, passou-os da sombra á verdade, da esperança á possessão.»

Seculos decorridos, a ordem decahiu novamente dos primeiros fervores na relaxação, tanto que em 1432, sendo geral Bartholomeu Rocalio, pediu-se para Roma ao papa Eugenio IV, que mitigasse a regra, a titulo de que já não era observavel a *abstinencia das carnes, o jejum de sete mezes e o encerramento perpetuo das cellas.*

A principio a ordem dos carmelitas era só contemplativa. No seculo XIII, porém, o papa Innocencio IV chamou-a ao serviço do confessionario e do pulpito, no que os seus monges se tornaram muito notaveis. Esta convivencia social mais larga explica sem duvida o afrouxamento dos costumes puros levado ao termo de se pedir para Roma, como acima dizemos, allivio nos rigores da primitiva regra.

Contra o abandono dos habitos primévos da ordem houve alguem que protestou: a serafica madre Santa Thereza, «a quem o amor de Deus, refere o chronista, fazia appetecivel e facil o caminho da cruz.»

Santa Thereza fundou a 24 d'agosto de 1562 o convento de S. José em Avila, no qual abraçou a antiga regra abandonada.

Foi o inicio da reforma, que em pouco, em 1568, se estendeu tambem aos frades. A antiguissima ordem dos carmelitas descalços mais uma vez sacudiu a lama dos tempos presentes para se retemperar na mortificação e pureza do passado, sem abandonar, comtudo, os serviços, que no pulpito e confessionario prestava ao catholicismo.

Esta ordem foi introduzida em Portugal por Fr. Ambrosio Mariano de S. Bento, que chegou a Lisboa em 1 de outubro de 1581. Recebido carinhosamente, não cuidou o piedoso freire em outra cousa que não fosse escolher séde para o seu convento.

Depois de varias e infructiferas buscas dirigiu-se Fr. Ambrosio para os lados de Belem, topando no sitio da Pampulha com umas casas que muito o contentaram e desde o S. João estavam de vasio, cousa nunca vista até então, como declara o nosso chronista, que o fez considerar e dizer aos

companheiros: *que ahi queria Deus que fundasse, pois lhe tinha, com particular providencia, desoccupadas as casas que sempre foram muito appetecidas.*

Informado de que eram de Francisco Campo de Tavera e de sua mulher Milicia Ribeiro, fallou com elles e facilmente ajustado o preço lh'as alugou, até que tivesse o dinheiro necessario para lh'as comprar, como depois aconteceu.

Accommodou logo ali Fr. Ambrosio o seu convento, de modo que *na estreiteza das cellas, dividida com esteiras, no aperto dos transitos, na pequenez das officinas, representava uma casa qual a escolhera a propria pobresa, se ella fizera a eleição. Não se desagradava esta tambem das alfaias, que juntou o padre, em tudo devotissimo d'ella, e assim sempre que n'ella fallava, dizia:* MINHA SENHORA A POBREZA...

Quizeram persuadir os da cidade a Fr. Ambrosio que transportasse os seus padres da observancia para a nova casa em solemnissima procissão, para a qual promettiam toda a gente d'armas disponivel, todo o luxo de alfaias e paramenmentos, o longo e caracteristico cortejo das irmandades com os seus sumptuosos andores

Fr. Ambrosio recusou e a 14 de outubro entrava com os seus religiosos sem pompa alguma no convento, que ficou sendo conhecido pelo dos *Marianos* (sobrenome do instituidor), e onde hoje é a séde da egreja protestante ingleza do rito presbyteriano. O convento primitivo tomou S. Filippe como orago.

Não deixa de ser curioso recordar algumas das prescripções estabelecidas na regra restaurada pela serafica madre Santa Thereza. Tal evocação, quando outro interesse não desperte, revelará ao espirito curioso do leitor uma feição singular do ascetismo catholico, irmanado hoje scientificamente ás proezas do *fakirismo*. Um e outro denunciam, na historia comparada das religiões, uma origem commum na identica evolução psychica de seres devotados á contemplação interior e, por isso mesmo, interpretando erroneamente as sensações externas e caindo n'um estado de insensibilidade, que provoca as mais estranhas manifestações de desequilibrio neurico.

Eis algumas das regras:

Era determinada a clausura na cella, emquanto alguma urgente necessidade ou acto da communidade, não obrigava a sair; o jejum desde a exaltação da cruz em 14 de setembro até a Paschoa, excepto aos domingos; abstinencia perpetua de carnes, á excepção dos casos de enfermidade; silencio de

completas até *prima;* obediencia tal, que nenhum religioso fizesse sem licença cousa alguma, como beber um pucaro de agua, fallar a qualquer secular no convento, remendar o habito ou tunica, pedir qualquer insignificancia como uma linha, escrever ou receber carta, etc.

O voto de pobresa era egualmente observado com rigor.

Cada religioso não podia ter mais do que um habito e tunica de fayal, duas tunicas de estamenha, dois cobertores que sobre umas taboas formavam a cama estreita, onde mal cabia um corpo humano. De travesseiro servia uma almofada de panno de lã, que muitas vezes era substituida a pedido do religioso, n'um requinte de desprendimento das commodidades terrenas, por pedra ou madeiro tosco.

O breviario para a reza e livros para o estudo sobre uma banca pouco polida na sorte de madeira e lavor; a pia de agua benta, umas disciplinas, contas para resar, tinteiro e pennas para escrever, candeia de azeite e uma vassoura: constituiam todo o restante mobiliario da cella. Tudo quanto não fosse o descripto era rigorosamente prohibido.

Fr. João do Sacramento conta a este respeito alguns casos interessantes:

O padre Fr. Ambrosio Mariano encontrou um dia uma laranja na cella de certo freire. Este foi rigorosamente reprehendido sendo-lhe exprobada a falta grave, que commettera. Como castigo foi posto a pão e agua com a laranja dependurada ao pescoço....

Outro religioso, que puzera uma bilha de agua a serenar á noite na janella da cella, foi egualmente castigado com a reprehensão e obrigado a andar um dia inteiro na communidade, sem capello e escapulario, com a bilha de agua ao pescoço e um letreiro no peito, que dizia: *Relaxado*...

Hoje, estes castigos collegiaes fazem-nos apenas sorrir. Quanto estamos mudados!

Parece, porém, que não bastavam tantos rigores a depurar o ascetismo carmelita, pois que se começaram a instituir *desertos*, que eram casas de solidão e penitencia, onde em retiro e silencio absolutos os religiosos imitavam os exemplos dos antigos eremitas

Assim, desde que a provincia de Portugal se desmembrou da de Castella, começaram logo de empenhar-se os carmelitas portuguezes por obter tambem um *deserto,* o que foi tarefa difficil de vencer-se, como conta miudamente Fr. João do Sacramento.

Já desde 1592 Castella-a-Nova tinha o seu *deserto* de

Bolarque. Portugal houve ainda de esperar mais um quarto de seculo antes que obtivesse essa vantagem espiritual. A lucta foi cruenta, mas afinal venceu-se em 1625 no Difinitorio Geral da Ordem, tendo sido em 1626 encarregado o Difinidor da provincia de Portugal, Fr. Antonio do Santissimo Sacramento, de escolher o sitio para o *deserto.*

«Regeitaram-se, diz o sr. Forjaz de Sampaio no seu livro *Memorias do Bussaco* figurando que falla um velho carmelita, umas, por mingua de agua e arvoredo, outras por muito avisinhadas, differentes serras, como a de Cintra e de Miranda, até que finalmente o bispo-conde (de Coimbra) nos deu estas mattas (do Bussaco). Apressaram-se nossos padres em engrandecer e acceitar offerta tão primorosa: e como quer que lhes faltassem todos os meios para abrir estradas, fechar a clausura e edificar mosteiro, confiados n'aquelle Senhor que póde tudo, enviaram d'Aveiro para o Bussaco os padres Fr. Thomaz de S. Cyrillo e Fr. João Baptista, e o irmão Alberto da Virgem, tão ricos de virtudes, como pobres de mantimentos, roupas e dinheiro; pois o seu enxoval não era mais que um cobertor para cada um, uma canastra de sardinhas para a meza, e dez cruzados em moeda! Mas como lhes haveria de faltar o auxilio de quem na obra tinha toda a parte?... Cresceram com rapidez: augmentou-se a pequena mas fervorosa communidade. A 7 d'agosto lançou-se a primeira pedra do mosteiro; a 28 de fevereiro do anno seguinte já o Santissimo pôde ser venerado na casa da livraria que por então ficou servindo de egreja; e a 19 de março de 1630, em que se festeja o patrocinio de S. José, concluida a maior parte dos trabalhos, teve principio a completa observancia do instituto.»

A vida monastica no *deserto* do Bussaco era asperrima. Viviam ali 24 monges, dos quaes quatro de vida activa e permanente, o prior, superior, hospedeiro e porteiro.

Os outros frades vinham e voltavam sem que ninguem os constrangesse, mas não podiam demorar-se no *deserto* mais do que um anno. Para entrar era precisa a licença do provincial com consentimento do prior. Tambem se dava permissão para virem de visita outros religiosos da mesma ordem, mas não podiam ficar no *deserto* por mais de trez dias. A respeito de seculares, á excepção dos bemfeitores, só podiam ser recebidos com licença do provincial. Para as mulheres o interdicto era absoluto.

A prohibição de fallar, não só a estranhos mas até com os companheiros, mantinha-se com o maior rigor.

A este respeito conta Fr. João do Sacramento uma graciosa anedocta:

Aconteceu que sendo prior d'aquella casa Fr. Antonio de Christo, natural de Montemór-o-Velho, varão de costumes irreprehensiveis, creava certo ermitão na sua cella uma pêga; ave, que a natureza dotou de lingua capaz de tomar a humana; de cuja especie abundava o sitio de individuos. Para ensinal-a a fallar, o fazia com ella; bem que com tão respeitoso recato, que não era ouvido dos outros ermitões.

Ou Deus lh'o revellasse ou elle o presentisse, o que é certo é apparecer ali um dia o prior e colher o monge em grave delicto de conversar com a palreira ave. Tanto que viu o nefando peccado, logo o prior reprehendeu asperamente o religioso, o qual caido em si da gravissima culpa, se lançou aos pés do zelador da regra, implorando humilde o perdão. Depois de ver bem contricto o delinquente, voltou-se o prior para a ave, bradando:

«*Nunca Deus queira que por ti se quebre n'este santo logar, o que até agora perseverou inteiro. Em virtude do mesmo Senhor te mando, que nem tu, nem individuo algum da tua especie, torne mais a entrar n'este sitio.*»

Caso maravilhoso! exclama o chronista. O passaro baixou a cabeça, bateu as azas, voou a dar parte aos da sua especie. Todas aquellas aves tentadoras abandonaram o santo retiro e nunca mais voltaram. . Se alguma se encontra perto, nunca ousa passar para áquem do muro da cerca! E' Fr. João do Sacramento quem o affirma com toda a gravidade. Hoje, porém, aquella graciosa familia alada está já muito esquecida da excommunhão, porque muitos dos seus membros saltitam alegremente pelas ramarias dos altos cedros da matta! Outros tempos...

Os frades correspondiam-se apenas por signaes. Pela matta, quando passeavam, deviam evitar o encontro de outros religiosos, ou, se com elles topassem, passar adiante saudando-os em silencio.

Apenas de 15 em 15 dias podiam juntar-se na portaria do convento ou em qualquer das casas interiores, quando o inverno apertava, e n'essas reuniões era-lhes só licito praticarem em coisas santas e piedosas. Um dos religiosos velava sobre elles e a qualquer referencia a pessoa ou objectos estranhos ao *deserto*, que por acaso escapasse aos interlocutores, o vigilante conduzia-os immediatamente á presença do prior para que os reprehendesse.

O serviço divino era egualmente pesadissimo, todo cheio de jejuns, de resas, de vigilias, de penitencia.

Davam-se oito horas ao serviço de côro, cinco á oração vocal, e tres á mental. A' meia noite tangia a matinas o sino do convento, resoando lugubremente pela densa floresta. Immediatamente lhe respondiam os sinos das capellas espalhadas pela matta, annunciando que os ermitões velavam n'aquelles descontortaveis cubiculos, de que hoje se admiram ainda as ruinas. Toda a communidade se levantava, dirigindo-se ao côro da egreja onde entoava os hymnos e psalmos rituaes até a 1 hora da madrugada.

A's 5 estavam de novo alerta os monges para a *meditação*, que se prolongava até as 6

Guardavam absoluta abstinencia de carne, sendo-lhes permittido apenas um prato de legumes e outro de peixe. A's sextas feiras só se consentiam as fructas e legumes; e no dia de entrudo e sexta feira da Paixão passavam a pão e agua.

E assim viveram os freires carmelitas descalços no Bussaco durante alguns seculos, cuidando muito das cousas espirituaes, mas zelando tambem bastante pela conservação da formosa matta, o que não foi, por certo, pequeno titulo para merecerem os louvores da posteridade.



VISTA GERAL DA MATTA

(Cliché de J. Coutinho. phot.)

CAPITULO III

A floresta. Aspectos de paysagem. Os cedros. A Avenida do Mosteiro. As portas de Coimbra: panorama deslumbrante. A cascata. Os valles dos abetos e dos fetos. As fontes. A Cruz Alta.

Agora que se conhecem as personagens, que até 1834 viveram no *deserto* do Bussaco, erguendo e conservando as capellinhas graciosas, a pittoresca via-sacra, o caracteristico convento, exemplar unico no paiz d'uma arte em que se alliava á sinceridade a modestia, reflectindo a pobreza e a despretenção dos carmelitas; agora é tempo de percorrer a floresta em todos os seus recantos, surprehendendo-lhe as bellezas, descrevendo-a com a possivel exactidão e leveza.

Quasi que podemos affirmar não existir em Portugal um trecho de natureza tão magestoso como este. Sem contestar as pompas da flora de *Cintra*, as gentilezas procuradas e preparadas do *Bom Jesus de Braga*, as garridices burguezas do *Monte Estoril* com o seu lindo panorama sobre o oceano: confessamos que o Bussaco, na nossa opinião, ultrapassa todos estes famosos sitios consagrados pela moda.

E não é preciso escolher muito para provar a these; basta tomar, á esquerda ou á direita por qualquer d'estes carreirinhos que nos levam ao seio da floresta.

Eis-nos abrigados n'um massiço de arvoredo, que mal deixa penetrar a luz do sol. Os cedros gigantes, os robustos carvalhos, os platanos, as araucarias, os alamos, os pinheiros, as aveleiras com seus troncos prateados, entrelaçam as suas ramarias, congraçando-se como bons amigos, que vivem da mesma fonte de força perenne. Fresquissimos musgos atapetam o terreno. Aqui e ali um fio de agua deslisa rapido pelo declive, murmurando docemente.

Por baixo dos grandes colossos, verdadeiros réis da floresta, arrostando durante seculos e seculos as tempestades, cheios de soberba dos annos que por elles passaram, uma verdadeira republica de plantas rasteiras e murtas preenche os vasios, enche as clareiras, galga os cabeços. O solo aduba-se expontaneamente com as folhas caducas, que restituem em força productiva o que a arvore lhe tirou da magestade e de grandeza.

D'ahi, d'essa troca eterna de beneficios, resulta uma vegetação cada vez mais intensa, uma verdura luxuriante, um viço incomparavel nas plantas sarmentosas, nas urzes com os seus penachos d'amethistas, nas estevas, nos sargaços, nos proprios tojos disfarçando a sua rudeza com as corollas das modestas florinhas.

Tal espectaculo lindo da natureza tem mutações como um espectaculo feerico de magica...

Vêde, por exemplo, esta vereda pela manhã, quando o sol ainda inclina ao oriente, illuminando de travez a folhagem em que perolas de orvalho nocturno brilham com intensidade.

Dir-se-hia agora andarmos por estrada maravilhosa, onde pequeninas lampadas emittem luz da mais pura prata; dir-se-hia vivermos em região de sonho, e que os arvoredos se transformaram, invertendo o seu verde tão vivo em fulgores d'apotheose... E a todos os instantes, no silencio da floresta, esperamos que uma boa fada, linda de feições e linda nos trajos, nos venha tomar pela mão e nos leve ao palacio de feiticeira e sonhadora princeza encantada...

A esta mesma hora porém, outros recantos menos feridos de luz, mais escondidos na espessura das ramarias, nos suggerem idêas de desconforto e de desalento. Apparecem recordando-nos os antigos ermos, onde frades de faces maceradas pelas mortificações physicas e espirituaes lêem breviarios, indifferentes a toda a belleza.

A arvore mais abundante da matta do Bussaco é sem duvida o chamado *cedro*; e dizemos d'esta maneira, griphando propósitadamente a palavra, porque o cedro não é senão o *cuppressus-glauca* ou *lusitanica*, assim chamado pelos botanicos por não existir na Europa outro macisso de arvores tão notavel como o do Bussaco, e por ser de Portugal que se presume terem irradiado pela Hespanha e França. O *cuppressus-glauca* é afinal de contas, não o cedro do Libano com que a nossa phantasia se compraz irmanal-o, mas uma das muitas variedades do *cypreste*, outra das quaes ornamenta como se sabe, os tristes campos da morte.

D'onde veiu o *cedro* do Bussaco? Não se sabe bem,

inclinando-se uns para a serra dos Ghates, junto a Goa, e outros para os Açores. Aqui, nas ultimas pesquizas, não appareceu exemplar algum do *cuppressus-glauca*. Apenas se descobriram alguns soalhos feitos da madeira d'esta arvore, o que leva a crer na existencia de antigas florestas hoje desapparecidas do archipelago açoreano.

Em Goa nada se encontrou.

Ha na matta do Bussaco alguns exemplares do *cuppressus-glauca*, que desafiam pela sua grandeza a admiração dos menos enthusiastas. O maior, ou um dos maiores, encontral-o-ha o leitor um pouco acima da fonte do Carregal, muito perto da *varanda de Pilatos.*

Podemos dizer afoitamente que a matta do Bussaco reune hoje toda a flora de Portugal. Os proprios fetos, de que Cintra tanto se orgulhava, dão-se ali admiravelmente.

Já em 1842 o principe de Lichnowsky ficou surprehendido, quando visitou a famosa floresta, com o incomparavel vigor da vegetação, julgando-se transportado aos antigos bosques do Oriente. Outros insignes botanicos teem ficado egualmente deslumbrados com tanta magnificencia.

E' natural que a matta do Bussaco represente uma parte das grandes florestas, que em passados tempos deveriam encher montes e valles por esse paiz em fóra.

Não se comprehende, com effeito, que tivesse sido Portugal nos seculos XIV e XV a primeira nação da Europa que mais armadas lançou ao oceano e não possuisse as madeiras, de que os seus numerosos barcos eram feitos. Persuade mais a opinião de que as florestas tivessem pouco a pouco desapparecido, sacrificadas ás necessidades economicas das diversas epochas: deixavam de existir para darem logar ás plantações rasteiras, vinhas e trigos. Havia de coincidir este novo estado de cousas com o desenvolvimento das povoações concelhias e com o desapparecimento das coutadas dos fidalgos, arruinados pelo luxo desenfreado da côrte no seculo XVI.

A matta do Bussaco ter-se-hia salvo, mercê da sua transformação em *deserto* dos carmelitas descalços. Se não fôra assim quem sabe o destino da magestosa floresta! Nem a sua lembrança viveria talvez na memoria dos velhos.

Tratando da matta, parece opportuno occupar-nos agora d'algumas das suas curiosidades, pontos obrigatorios para os excursionistas, que por principio algum devem deixar de ser visitadas.

Esses pontos são :

Avenida do Mosteiro, *Portas de Coimbra, cascata* e *valle dos abetos*, *Fonte Fria* e outras nascentes, *valle dos fetos*, e a celebre *Cruz Alta*.

Para outros capitulos ficará a rapida descripção do novo *Hotel*, *Convento*, *capellinhas* e famosa *via sacra*.

Para evitar equivocos pedimos ao leitor que siga na planta junta a este livro o itinerario indicado. Assim, irá aprendendo a orientar-se e encontrará depois com toda a facilidade os sitios preferidos.

Avenida do mosteiro

E' uma das ruas mais bellas da floresta. Começa junto ao *Convento* e termina na portaria da matta ou *portas de Coimbra*. A alameda segue quasi horisontal, entre muros muito baixos atapetados de fresco musgo. E' orlada por interminavel linha de cedros colossaes, cujas ramarias, como pernas de aranha monstruosa, se entrelaçam, formando abobada espessa de verdura, impenetravel aos raios solares.

A linha da alameda é quebrada de quatro lanços. Existem n'esta rua quatro oratorios, ou capellas de devoção, delineados no estylo singelissimo que os carmelitas empregavam em todas as suas construcções.

O primeiro oratorio é dedicado a Santa Maria Magdalena; o segundo a S. Pedro; o terceiro, que contém a *Fonte da Samaritana*, hoje secca, é destinado a perpetuar a scena biblica, em que Jesus, sentado junto do poço de Jacob, pede de beber á mulher de Samaria ; finalmente, o quarto é dedicado a S. João da Cruz.

A Avenida do Mosteiro termina, como dissémos, nas

Portas de Coimbra

Constituem ainda hoje um dos grandes attractivos para os excursionista. E' ali que á tarde, no seu vasto terreno, todos vêem assistir ao pôr do sol, magnifico espectaculo que nunca esquece.

O panorama desdobra-se imponentissimo, abrangendo larguissima area. A nossos pés fica a risonha povoação do Luzo, o valle profundo, mosqueado de arvoredos e pinheiraes ; mais longe a ponte do caminho de ferro, aldeias minusculas, que na orla do horisonte, quando o sol reverbera na brancura das suas casinhas, parecem espuma de vagalhões quebrando-se na areia das praias. Todo aquelle vasto tracto de terreno afigura-se-nos completamente plano, se o sol vae



PORTAS DE COIMBRA

(Cliché de J. Coutinho, phot.)

ainda a pino. Quando porém o rei dos astros inclina ao poente, os montes e os valles vão-se desenhando em collossaes altos relevos. Tem-se então a comprehensão nitida da disposição orographica d'aquellas regiões.

O pôr do sol, principalmente quando a linha do horisonte está bem desenhada e despida de nuvens, é na verdade d'uma impressão estonteante. Se o tempo está fôsco, por um curioso effeito de refracção ainda vemos o sol acima do horisonte, quando elle já tem desapparecido de todo.

As *portas de Coimbra*, ou *portaria da matta*, constam de dois grandes portaes, ladeados de pilastras de cantaria, almofadada toscamente a picão. Um d'esses portaes (o da esquerda) era destinado no tempo dos frades ao ingresso dos peões e o outro aos carros. Na parte superior corre a cimalha sobre que assentam quatro pyramides, alternadas de tres frontaes, sendo os dos extremos encimados por pequenas cruzes e o do centro, um pouco mais alto, por uma grimpa. Entre os dois portaes existem duas lapides, hoje quasi indecifraveis, e que contem: uma, o breve do papa Gregorio XV, prohibindo sob pena de excommunhão maior a entrada de mulheres na clausura dos carmelitas descalços; outra, o breve do papa Urbano VIII, prohibindo, tambem sob pena de excommunhão, que alguem entrasse no *deserto*, sem licença do prior, a cortar arvores ou a fazer qualquer damno na floresta.

A fachada da portaria está revestida de mozaico branco e negro. Entre varios desenhos graciosos nota-se ali o brazão da ordem dos carmelitas.

Defronte fica o vasto terreiro, que antigamente era accessivel aos viandantes, e que agora só serve ao goso dos amadores de soberbos espectaculos da natureza. E' ensombrado por copados freixos. A um dos lados existe um curioso cruzeiro.

As *portas de Coimbra* estão a 359 metros acima do nivel do mar.

Quem antigamente entrava pelo portal da esquerda, destinado aos peões, encontrava-se n'um pequeno zagão, forrado de cortiças brutas e tosco mozaico e rodeado de assentos do mesmo estylo. Em frente, correspondendo ao portal da entrada, muito mais apertado n'esses tempos por revestimento de alvenaria como se póde ver n'algumas gravuras antigas, havia uma outra portinha, coroada de uma caveira entre dois ossos com o seguinte distico:

O' tu mortal, que me vês
Reflecte bem como estou;
Eu já fui o que tu és,
E tu serás o que eu sou.

Terminada a visita á portaria da matta, voltemos sobre os nossos passos atravez da formosissima Alameda do Mosteiro, passemos por deante dos restos do Convento e pelo Hotel monumental e enveredemos pela Rua da Rainha, que começa ao lado do antigo Restaurant. Poucos minutos decorridos estaremos junto de outro recanto encantador:

A Cascata

E' uma construcção recente, do anno de 1887, disposta na realidade com gracioso artificio. Tem no alto um lago, d'onde saem as aguas formando varias quedas, até se reunirem, em baixo, em outro lago.

Aos lados da cascata exiguos carreiros, eutre rochas dispostas artisticamente formando em alguns pontos grutas, permittem commodo accesso á parte superior. N'este ponto gosam-se algumas horas de verdadeiro repouso.

Em frente da cascata, alimentada pelas aguas da Fonte de S Silvestre, prolonga-se um tracto de terreno ajardinado, passado o qual, e descidos alguns degraus se entra no

Valle dos Abetos

formosa estancia, das mais notaveis da floresta, onde já ostentam a sua corpolencia viçosos abetos e araucarias, cuja plantação data de 50 annos apenas.

As fontes

Fallámos da Fonte de S. Silvestre, a proposito da formosa cascata. E' tempo de nos referirmos ás outras, que pela finura e pureza das suas aguas deram renome justificado ao Bussaco.

São ellas:

Fonte de Santa Thereza, fica a nordeste, ao lado do antigo Restaurant;

Fonte de Santo Elias, junto da ermida da mesma evocação no alto da Rua da Rainha;

Fonte de S. Silvestre, no fim d'uma vereda, que passa no plano superior da cascata;



FONTE FRIA

(Cliché de J. Coutinho, phot.)

Fonte do Carregal, muito perto da clareira do convento. As suas aguas são conduzidas por canos a um tanque, ao sul das construcções modernas, que serve para as regas da horta. A fonte do Carregal está situada em pittoresca estancia. Foi reconstruida em 1883. Um vasto terreiro corre em frente, limitado por um muro baixo cortado por curta escada, de largos patnmares, que conduz ás hortas. Passam-se tambem ahi deliciosos momentos, ouvindo cantar monotonamente a agua da fonte, sob copado e frondosissimo arvoredo. E' sitio predilecto dos excursionistas, que n'aquelle fresco recanto vão jantar e merendar, aproveitando as largas mezas de pedra, que ali existem.

Fonte Fria

E' a principal da matta, a de maior apparato artistico. Tira o nome da baixa temperatura das suas aguas, que aliás não são das melhores da matta.

A nascente está situada á margem d'uma ribanceira sob uma abobada construida de tufo calcario de Condeixa e conglomerados da serra. Algumas stalactites artificiaes dão relevo gracioso á pequena gruta.

Aproveitando a posição da nascente, sobranceira a profundo valle, construiu-se desde aquelle ponto até ao fundo da encosta uma escadaria monumental, dividida em dez lanços. A agua deslisa ao centro da escadaria, ao ar livre. Nos tres primeiros patamares corre por um calejão; nos declives despenha-se, formando minusculas cascatas, ligeiramente construidas de granito e conglomerados; nos outros patamares segue por canaes, cortados por ilhotas de verdura e atravessado um até por uma pequena ponte de aspecto rustico. Ao fundo da escadaria existe um lago alimentado com as aguas da fonte.

Devemos confessar, pelo amor da sinceridade e da franqueza, que apezar da opinião de todos os escriptores consultados, a Fonte Fria nos impressiona agradavelmente. Bem sabemos que esta construcção destôa da caracteristica arte usada no Bussaco. A despeito de tudo temos de confessar que é bella e graciosissima. Questão de gostos...

Valle dos Fetos

A agua da Fonte Fria, depois de sair do pequeno lago a que nos referimos, continua correndo a descoberto pelo rapido declive que forma o celebre Valle dos Fetos, assim de-

nominado por n'elle se ostentarem muitos valiosos exemplares d'esta planta preciosa. A meio do valle, um grande lago atravessado por ponte rustica recebe novamente as aguas da Fonte Fria, que depois ainda continuam por ali abaixo, saltando murmurantes e refrescando notavelmente a atmosphera, creando assim um meio proprio ao desenvolvimento dos fetos.

A Cruz Alta

Nenhum visitante da matta do Bussaco deixa de fizer a ascenção ao seu ponto culminante — a celebre Cruz Alta. E' uma romaria obrigatoria.

Para lá se chegar, ou se sobe a Via Sacra desde o Pretorio, ou, indo de trem, se percorre toda a Rua da Rainha, saindo da cerca pela porta do mesmo nome, passando-se em frente do monumento da batalha e entrando pela Porta de Sulla. D'aqui parte uma estrada pela esquerda, que costeando quasi o muro da cerca nos conduz ao ponto desejado. Este caminho é tambem accessivel a automoveis.

O sitio encantador de que nos occupamos, deve o seu nome a uma cruz de cantaria, que ali se levanta sobre uma peanha de alguns degraus.

Subindo estes degraus depara-se ante nossos olhos um soberbo espectaculo. O horisonte é vastissimo, abrangendo para o oriente a serra da Estrella e de Castello Rodrigo; para o sul a serra de Minde; para o norte a de Grijó. Avistam-se terras, villas e cidades de sete bispados: Coimbra Guarda, Vizeu, Lamego e Braga. Para o poente o horisonte, é limitado pelo oceano, que perfeitamente se desenha em dias claros.

A Cruz Alta dá uma sensação como a que deve experimentar o aereonauta na sua barquinha, principalmente se abstrahirmos do logar e de quem nos rodeia. Ver ali nascer o sol é um espectaculo inolvidavel. A memoria da existencia da Cruz Alta é anterior á fundação do mosteiro. Diz-se que foi um piloto, em cumprimento d'um voto, quem ali erigiu a primeira cruz de páu, iste em epocha remotissima. Mais tarde foi esta cruz substituida, mercê do piedoso fervor de Francisco Ferreira de Miranda por outra de madeira de cypreste. Em 1645 um raio destruiu o singelo symbolo da fé, que foi novamente restaurado em 1648, celebrando-se a inauguração em 14 de Setembro, dia em que a Egreja solemnisa a exaltação da cruz, cumprindo-se assim um voto religioso do reitor da Universidade de Coimbra, Manoel de Saldanha, pela

victoria das armas de Portugal sobre as de Castella na guerra da Restauração.

Manoel de Saldanha mandou fazer a cruz de cantaria e construir n'aquelle sitio para maior commodidade dos peregrinos uma especie de baluarte circular cercado de ameias.

Em 1834 achava-se a cruz muito damnificada pela acção do tempo, sendo reconstruida em 1841 a expensas do Governo Civil de Coimbra.

Em 14 de setembro de 1893 (curiosa coincidencia: 246 annos precisos decorridos desde a inauguração da cruz de Manoel de Saldanha) novamente um corisco damnificou aquelle padrão. A administração da matta solicitamente acudiu á ruina, repondo a cruz na sua situação anterior.

CAPITULO IV

O Convento e o novo Hotel

As construcções religiosas dos carmelitas descalços, espalhadas pela matta do Bussaco, formavam tres systemas distinctos.

Abrangia o primeiro, o convento, seus annexos e a egreja; o segundo, as capellas de devoção e penitencia destinadas aos monges, que se queriam submetter a maiores rigores no goso espiritual de absoluta solidão: o terceiro, a famosa Via Sacra representando as scenas da Paixão desde a oração no horto até a collocação do corpo do sublime Martyr no sepulchro.

Successivamente iremos descrevendo todos estes documentos de piedade religiosa, onde alguns primores de arte despertam a attenção dos admiradores do *bello*.

Do antigo convento apenas restam hoje a portaria, os claustros e egreja. Tudo o mais foi sacrificado injustamente ao Hotel monumental. E dizemos *injustamente* porque era um dever conservar aquelle edificio como specimen inimitavel de arte religiosa.

A construcção era tosca, propositadamente tosca, mas tão ingenua e singela que d'estas qualidades tirava todo o encanto.

Quando nos convenceremos, que do culto do passado proveitosa lição havemos de tirar sempre? Estimar e conservar o que os antigos nos legaram, se outro valor não tem, serve, pelo menos, para avaliar o esforço do espirito humano na sua marcha ascensional de evolução. Por sermos hoje tão ricos de saber e de altruismo, não devemos desprezar as fórmas anteriores de arte e de sentimento. Se o fizermos de

animo leve, além do justo apodo de vandalos, mereceremos o desprezo dos povos cultos.

A educação nacional não se póde fazer a golpes de camartello, destruindo ás cégas o passado. Por mais que queiramos o isolamento, havemos de estar sempre presos a essas epochas longinquas por laços de intima solidariedade.

A *portaria do convento*, que se conserva ainda hoje, tendo escapado felizmente á furia da destruição, abre sobre o noroeste, com tres arcos de cantaria tosca, para uma plataforma rectangular, cujas dimensões são de $9^m.8$ de frente sobre $14,^m$ de lado. Ao centro d'esta platafórma ergue-se uma cruz de cantaria sobre peanha de granito.

A' *portaria do convento* dá accesso um lanço de escadaria. A fachada é revestida de embrechados de pardo e branco. Entrando encontramos um pequeno zagão, ladeado de assentos de cortiça, materia de que é forrado tambem o tecto. D'aqui, pela porta aberta na parede do fundo, passamos ao claustro, que ladeia a egreja, a qual occupa no centro do edificio uma superficie quadrada de $45^m,5$. E' lugubre e sombrio este claustro. Renques de paineis, representando factos mysticos, eremitas e bemfeitores, enchem-lhe quasi as paredes. A luz mal penetra ali, o que concorre para dar um cunho de severidade e de tristeza a esta parte do edificio.

Os madeiramentos do tecto dos claustros são forrados de cortiça em bruto. Nas paredes exteriores abrem-se alguns corredores, que por uma porta no topo communicavam com pequenos jardins, e por outras aos lados com as desconfortaveis cellas dos carmelitas.

O effeito triste e soturno dos claustros era propositado. Servia a preparar a impressão de desafogo, que ainda hoje se recebe quando se penetra na egreja, onde a luz jorra livremente pelas janellas do coro e lateraes.

Lá fóra, a tristeza, o desalento, o espirito curvado ao peso da amargura; aqui, a alegria, a confiança, o espirito levantado a Deus na esperança do perdão.

A *egreja* tem a fórma d'uma cruz; entra-se para ella pelos dois lados do cruzeiro onde estam as sacristias, visto que ao fundo não tem porta principal. O corpo da egreja está dividido em duas partes, a do côro e a da capella-mór, separadas por uma grade, sendo a primeira elevada sobre a segunda pela altura de dois degraus, No côro, encostado á grade, ha um altar dedicado a *Nossa Senhora do Carmo* e no fundo um pittoresco *presepio* de nullo valor artistico. Existem mais tres altares, o da capella-mór com a imagem de Christo crucificado ao alto e *a de Nossa Senhora da Soledade* em plano infe-

rior, e dois lateraes, um votado a *S. José* e outro a *Santa Thereza.*

A egreja tem um caracteristico cunho de pobreza em ornamentações e alfaias. Pelas paredes alguns ingenuos quadros desafiam a critica, que aliás tem de ser benevola para os obscuros e sinceros artistas, porque suppriram pela fé o que lhes faltava de saber: não eram cabotinos, honra seja á sua memoria!

Ha ali, porém, dois primores, duas maravilhas de arte, que reclamam a nossa attenção. Ninguem, que tenha o gosto pelo bello, deixará de se commover perante os bustos de *Santa Maria Magdalena* e de *S. Pedro*, que mettidos n'uma especie de nichos, resguardados por tampas de vidro, se vêem nas paredes lateraes da capella-mór, do lado da epistola o primeiro e do lado do evangelho o segundo.

S. Pedro é representado no instante em que o apostolo está immerso na mais acerba dôr pelo arrependimento de ter negado Jesus. E' quando o segundo canto do galo e a vista do divino Mestre rasga o veu que cegava Pedro, não lhe deixando ver a fealdade da acção commettida:

> *E logo, emquanto ainda fallava, o galo cantou pela segunda vez; e o senhor voltando-se olhou para Pedro.*»

A figura de S. Pedro revela toda a tortura d'uma alma de peccador no auge do desespero. A bocca desdentada está entreaberta, os olhos razos de agua, lagrimas que o velho já não póde sentir correr pelas faces. Os raros cabellos da cabeça, irriçados, accusam a agonia do infeliz, o horror pelo seu crime. Rugas profundas vincam-lhe a testa; as mãos exangues enclavinham-se no peito n'um gesto de desespero indefinivel. Exprime-se como que a derrocada d'uma vida inteira de dedicação e de amor. Esta imagem sublime representa bem o amigo verdadeiro no instante terrivel, em que a reflexão lhe descobre ter atraiçoado o amigo! como faz notar no seu livro o sr. Forjáz de Sampaio.

Se desviamos a vista para o outro lado, para o nicho onde a cabeça de *Magdalena* nos attrae, o contraste é flagrante.

Santa Maria Magdalena conserva ainda os traços d'uma belleza radiante. Um vestido de grosseiro esparto, apertado na cinta por dura corda, resguarda-lhe o corpo emmagrecido. As madeixas do basto cabello louro descem desleixadamente pelos hombros. A pelle é fina, d'um branco opalado, deixando

transparecer as veias azuladas. Uma meiga expressão irradia-lhe dos olhos entristecidos; tristeza que se exteriorisa nas perolas, que são as lagrimas da peccadora correndo livres e abundantes pelas setineas faces maceradas.

Magdalena inclina dolorosamente a cabeça sobre o lado direito, e mal póde ler o livro sagrado, que sustenta n'uma das finas mãos. A bocca languidamente entreaberta accusa a profunda commoção d'aquella mulher. E' a dôr sublime de quem muito amou e se contempla indigna d'um affecto puro. Aquella profunda amargura não explodiu em soluços, em gritos de desespero, em gestos de desolação: reprimiu-se, viveu intimamente e só se manifesta em abundantes lagrimas, quando na solidão a arrependida mundana fixou os lindos olhos azues nas paginas do livro santo, recordando Aquelle que mereceu o maior, o mais grandioso amor! o amor da Humanidade agradecida.....

Não se conhece a precedencia d'estas imagens, e não se sabe como escaparam á rapina, que tantas cousas de valor tem levado para fóra do paiz.

Como qner que seja, as esculturas revelam a epocha da Renascença. Aquellas cabeças são bellas, mas falta-lhes, é evidente, *a verdade:* não pertencem a Individuos da raça semita, como eram os dois vultos do catholicismo. Principalmente o busto de Magdalena parece moldado no de certas *madonas* da escola italiana.

Alem da egreja do claustro, das cellas e da portaria, o antigo convento tinha o *refeitorio,* a *hospedaria* e a *livraria.*

O *refeitorio* era uma grande sala forrada de cortiça. No meio tinha uma cruz sobre peanha de tres degraus. Perto do refeitorio ficava a casa onde se guardavam os instrumentos de penitencia, o que era significado pela inscripção da porta:

arma militiæ nostrae

A *livraria* era uma sala ordinaria, bem illuminada. Havia ali livros de bastante valor.

A *hospedaria* constava d'uma casa muito comprida e de rasoavel largura, notavel pelo forro formado de cortiças pregadas á maneira de guarda-pó, fingindo os barrotes cascas de sobro mais claro. Para esta sala abriam, á direita, a cosinha, dois quartos e um oratorio; á esquerda, outro quarto, onde pernoitou Lord Wellington por occasião da batalha do Bussaco; seguia-se um alcova e defronte uma cosinha. Esta parte do mosteiro formava o angulo do edificio á direita da portaria.

Transcrevemos quasi textualmente estes apontamentos do livro do sr. Forjaz de Sampaio, e a transcripção serve para demostrar quanto foi deploravel a idêa de deitar abaixo, o que era tão caracteristico e se impunha como documento unico d'uma arte tão singela e pura.

*

* *

A iniciativa da construcção do novo Hotel deve-se a Emygdio Navarro. Foi durante a sua permanencia na gerencia da pasta das obras publicas, que o grande jornalista, cuja recente morte tanto commoveu o paiz, encarregou alguns artistas de elaborarem e apresentarem os projectos d'um edificio monumental, destinado a substituir os poucos artisticos casarões, que estavam servindo de hospedarias.

Foi approvado o projecto do scenographo e architecto Luidgi Manini e encarregado da direcção das construcções o sr. Ernesto de Lacerda, actual administrador da matta do Bussaco. As obras começaram em novembro de 1888, tendo sido o despacho ministerial, que as auctorisou, de 19 de julho do mesmo anno.

Outro despacho ministerial de 30 de junho de 1891 ordenou a entrega das construcções á direcção das Obras Publicas de Aveiro, que lhes deu pequeno desenvolvimento, ficando suspensas ainda n'esse mesmo anno, até que em 28 de julho de 1894 foram outra vez auctorisadas e encarregado novamente o illustre administrador da matta de as dirigir, o que tem feito até hoje, revelando-se um distincto constructor civil, criterioso e energico.

O edificio principal, no estylo manuelino, tem tres pavimentos, sotão e subterraneo, occupando cada pavimento a superficie de 1188 metros quadrados.

A altura da torre até o terraço é de 44 metros e até a esphera armilar de ferro, accessivel por escada exterior tambem de ferro, de 57 metros. O accesso do terraço é feito por escada interior em espiral, e que tem 174 degraus.

O rez do chão é circumdado por uma formosissima galeria coberta, nas faces norte e leste.

Na face norte é formada a galeria por seis arcos duplos, divididos por maineis riquissimos em ornamentação; e na face leste por nove dos mesmos arcos.

No rez do chão a distribuição é a seguinte: grande vestibulo; escriptorio; escadas nobre e de serviço; sala para baile, a qual se liga á da leitura, formando um grande salão



HOTEL DO BUSSACO

(Cliché de J. Coutinho, phot.)

de $21^m,5$ por 10^m; sala de jantar, tendo 15^m por 8; sala de bilhar; copa, etc.

Os outros pavimentos e a torre são divididos em 5o e tantos quartos.

A grande janella dupla com as suas molduras apropriadas de folhagens, troncos e rosetas, ladeada de dois elegantes nichos com os seus lindos baldaquinos e floreadas misulas, constitue uma das partes mais bellas da construcção.

E' tambem digno de reparo o botaréo que ampara a janella dupla; na parte inferior existe uma esculptura do sr. Antonio Augusto Gonçalves allusiva á batalha do Bussaco. Do mesmo auctor são as estatuas que estam sob os baldaquinos da torre.

Em communicação com a casa de jantar, no extremo poente do edificio, levanta-se uma bella galeria destinada a *floreira*, na qual se encontram janellas do estylo manuelino mais puro e ornatos de muito gosto.

Annexas ao edificio principal existem duas outras construcções, mais ou menos harmonicas com a traça geral do monumento. Teem uma superficie de 881 metros quadrados.

Tal é, em rapido esquisso, o novo Hotel do Bussaco, digno, certamente do fim a que o destinaram.

O artista que o delineou, revela, sem duvida, conhecimento profundo do chamado estylo manuelino, de que a Torre de S Vicente em Belem e o convento dos Jeronymos são os mais puros e genuinos exemplares.

CAPITULO V

As capellas de devoção e penitencia. A Via Sacra

O eremita que mais desejava ganhar em perfeição espiritual e a sós entregar-se a uma vida ainda mais austera, recolhia-se a uma das capellas ou ermidas de devoção que os bemfeitores da ordem das Carmelitas tinham erigido na matta.

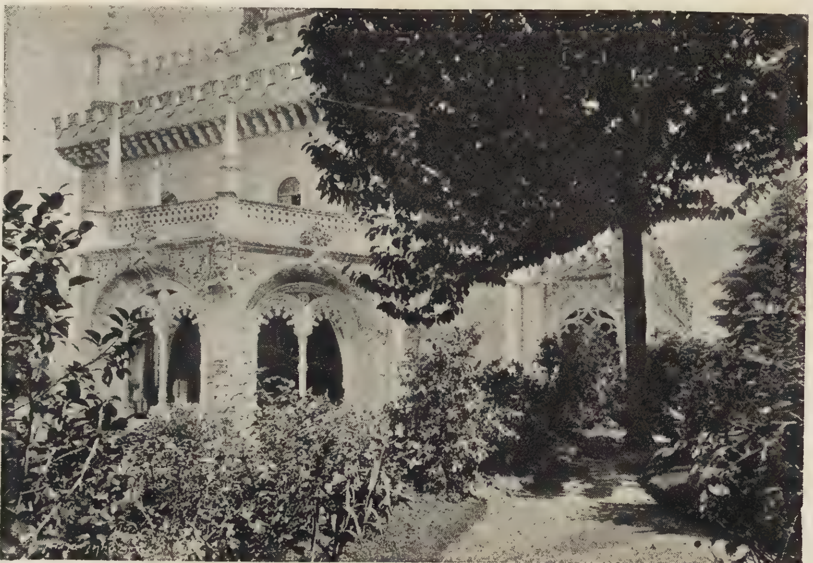
Qualquer d'essas capellas constava de oratorio, sacristia, cella, cosinha e jardim. Ficava-lhe quasi sempre proxima uma fonte. Todas tinham a sua sineta para corresponder aos toques do mosteiro.

Segundo a regra, em quarta feira de cinzas saiam do convento seis religiosos, que iam habitar n'esses ermos, d'onde voltavam nas vesperas de *Ramos* para celebrarem a Semana Santa com a communidade. O mesmo acontecia pelo *Advento*, com outros tantos freires que regressavam ao mosteiro no *Natal*. Os dois eremitas mais proximos auxiliavam-se ás semanas no sacrificio da missa.

Duas vezes por semana o dispenseiro levava-lhes a parca comida ; outras tantas vezes os visitava o prior.

Fóra das epochas designadas habitavam as capellas aquelles a quem o prior concedia licença por tempo limitado. Estes vinham á missa dos domingos no convento e só retiravam depois do refeitorio.

D'essas capellas, que eram 11, vamos agora dar rapida noticia, servindo-nos dos dados fornecidos pelo excellente livro do sr. Simões de Castro, «Guia historico do viajante no Bussaco».



HOTEL DO BUSSACO — Fachada poente

(Cliché de J. Coutinho, phot.)

Ermida de Santa Thereza

Fundada por Bento Pereira de Mello, deão da Sé de Coimbra, prior-mór da Ordem de Aviz. Foi arrazada, levantando-se no local um *chalet*. Ficava defronte da *cascata*.

Ermida de Santo Elias

Fundada por Antonio Pinto Botto. Está situada perto da cascata, no plano superior d esta.

Ermida de Nossa Senhora da Conceição

Fundada por Rodrigo de Mello. Está situada acima da fonte do Carregal no caminho que conduz á Cruz Alta.

Ermida de S. Miguel

Fundada por Antonio Vaz Preto. prior de Treixedo. Fica muito perto da Ermida de Nossa Senhora da Conceição ao cimo d'uma rua, que partindo d'esta capella sobe em linha recta por entre cedros e buxos formosissimos.

Ermida de S. José

Fundada por Manuel de Saldanha, reitor da Universidade, que por suas proprias mãos lhe lançou os alicerces em 3 de setembro de 1643. Demora acima da Fonte da Samaritana, proximo da *Casa de Pilatos*.

Ermida do Calvario

Fundada pelo bispo-conde D. João de Mello. Fica perto do passo do Calvario, a que nos referiremos quando se descrever a Via Sacra.

Ermida do Sepulchro

E' tambem devida ao reitor da Universidade, Manuel de Saldanha. Fica um pouco acima da Ermida do Calvario.

Ermida de S. João

Fundada, egualmente, pelo piedoso reitor Manuel de Saldanha. Situada pouco distante da ermida do Sepulchro, como se vê na planta.

Ermida da Senhora da Espectação

Foi fundada pelo bispo-conde D. Joanne Mendes de Tavora. O fundador destinou a capella para habitação dos bispos de Coimbra. D'esta edificação, que ficava perto do convento, não restam hoje vestigios.

Ermida de Nossa Senhora d'Assumpção

Foi seu fundador Diogo Lopes de Sousa. Fica perto da Fonte Fria.

Ermida do Sacramento

Foi sua fundadora D. Marianna de Cardenas, duqueza de Torres Novas. Por andar annexa á casa dos duques de Aveiro mandaram-na arrazar quando se deu o celebre attentado contra a vida de D. José. Encontram-se as suas ruinas ao sul da Fonte Fria, depois de passada a capellinha que figura a casa de Annaz.

Proximo da ermida de S. José para o lado do sul, levanta-se sobranceiro ás Portas de Coimbra um penhasco no cimo do qual existe uma capellinha dedicada a *Santo Antão*, mandada edificar por Manuel de Saldanha. Merece a pena visitar este singelo monumento, d'onde se disfructa um dos mais bellos panoramas do Bussaco.

Na base do penhasco, em frente da cascata, onde antigamente existiu a Ermida de Santa Thereza, começa a *Via Sacra*, uma serie de capellinhas que representam os *santos passos da Paixão de Christo*, desde a oração do Horto de Gethesmani até a capella do Calvario, perto da Cruz Alta.

Ainda ao reitor da Universidade, Manuel de Saldanha, se deve a abertura, em 1644, da estrada da Via Sacra, onde os logares dos *santos passos* foram a principio indicados por simples cruzes, que em 1695 o bispo-conde de Coimbra, D. João de Mello, fez substituir pelas capellinhas. Diz-se que este prelado mandára vir de Jerusalem a medição exacta dos logares onde se deram as scenas da Paixão. Não é acceitavel esta crença, pois que no seculo XVII seria difficil reconhecerem-se os sitios percorridos no anno 3.º da nossa era, tendo Jerusalem soffrido tantas modificações no dominio dos romanos e posteriormente no dos turcos.

D. João de Mello fez representar as scenas da Paixão em paineis, que se expunham á veneração em cada uma das respectivas capellinhas. Os paineis foram mais tarde substituidos por imagens pelo bispo D. Antonio de Vasconcellos e Sousa.

As capellas dos Passos da Via Sacra são ao todo 20.

Obedecem todas ao mesmo plano, menos o Pretorio e o Calvario; construcções quadrangulares, telhados de quatro vertentes, formando cupula ponteaguda, encimadas por modesta cruz de pedra, cunhaes de embrexado tosco e sobre o moldado da abertura uma lapide explicando o facto que representa.

Sigamos agora a Via-Sacra, indicando rapidamente o itinerario e a significação dos differentes *passos*:

1.º passo. No principio da Rua do Horto. Representa Jesus orando no horto;

2.º *passo*. Um pouco adeante. Figura o logar onde Judas entregou o Mestre á prisão;

3.º passo. Representa a ponte de *Cedron*, por onde Jesus passou e de onde foi precipitado pelos tyrannos sobre as pedras do leito do rio;

4.º passo. Casa de Annaz, onde Jesus foi interrogado e confessou a verdade, soffrendo a injuria de ser esbofeteado por um dos soldados;

5.º passo. Casa de Caifás, onde Jesus foi açoutado. Junto d'esta capellinha existe uma curiosa torre em forma de pyramide, encimada por uma cruz. Uma tosca e estreitissima escada de caracol permitte o accesso até o alto. Da capellinha de Caifás, dominando vasto horisonte, goza-se um magnifico panorama.

O itinerario que temos seguido até aqui é facil de indicar na planta. Descemos toda a Rua do Horto e atravessámos a Fonte Fria na altura d'uns dos seus patamares. Caminhámos sempre em frente até o *passo de Cedron* e seguimos até que a vereda se inclina á esquerda. Pouco adiante deparámos com a *capellinha de Annaz*. Cortando depois á direita conduz-nos a via, em ladeira, até Caifás.

O caminho segue agora em linha perfeitamente recta até a *Avenida do Mosteiro*, que atravessa junto da *Fonte da Samaritana*, tomando a direcção do *Pretorio*.

O palacio do proconsul romano tem uma architectura mais distincta. Entra-se para elle por uma porta dando para um adro circular, ao meio do qual um marco de pedra representa a columna a que foi preso Jesus e onde foi açoutado. O palacio contem vistosa varanda figurando aquella onde

Pilatos apresentou o Mestre á plebe. Em lapide mettida na parede está gravada a sentença de morte do Redemptor.

A *via sacra* dirige-se para o lado das portas de Coimbra, passa encostada á *Ermida de S. José*, voltando depois á esquerda onde encontramos o

6.ª passo. Representa a *casa de Herodes*, onde Jesus foi tido por louco e por tal o vestiram de purpura e o reenviaram para a *casa de Pilatos*;

7.º passo. Representa tambem o *Pretorio*, onde Pilatos condemnou Jesus á morte;

8.º passo. Representa o sitio onde collocaram a cruz aos hombros de Jesus;

9.º passo. Primeira queda de Jesus levando a cruz ás costas;

10.º passo. Encontro de Jesus com sua mãe;

11.º passo. Representa o sitio onde mandaram ao Syrineu que ajudasse a Jesus;

12.º passo. O sitio, onde Veronica, saindo de sua casa, limpou com uma toalha o suor de Jesus;

13.º passo. Segunda queda de Jesus com o madeiro infamante ás costas;

14.º passo. Representa o logar em que Jesus se voltou para as filhas de Jerusalem;

15.º passo. A terceira queda de Jesus;

16.º passo. O sitio onde o despojaram dos seus vestidos;

17.º passo. Onde o pregaram na cruz;

18.º passo. O Calvario. Onde levantaram na cruz o Redemptor;

19.º passo. Representa o logar onde o cadaver de Jesus repousou nos braços de saa mãe;

20.º passo. O Sepulchro, onde foi depositado o corpo de Jesus.

Do *Pretorio* para cima é ingreme a ladeira, desdobrando-se em zig-zag. A *via sacra* tem de dirigir-se ao sul para terminar no *Calvario*, vencendo a elevação de cerca de 100 metros, que tanta é a differença de nivel entre os dois pontos indicados.

A *via sacra* desdobra-se na extensão de mais de 3k,5.

Do *Calvario*, que se distingue das outras capellinhas dos passos pela sua fórma exterior sextavada, avista-se toda a enorme área da floresta. Espectaculo arrebatador!

Se da *Cruz Alta*, de *Santo Antão*, das *portas de Coimbra*, de *Caifás*, a nossa vista extasiada abrange horisontes vastissimos, largas planuras, serras, valles, o oceano; do *Calvario*

presenceia-se uma scena bem differente : um mar de verdura, que é o copado das arvores, enchendo todo o espaço, galgando os cabeços, enleando as anfranctuosidades, n'uma ancia de vida, soffrega e irresistivel.

Do verdejante oceano emergem apenas, n'um esforço de soberania, as construcções modernas, o *Hotel monumental*, os *annexos*. E todos aquelles edificios, que de perto se impõem pelo seu ar de conforto e de grandeza, pelo arrojado de concepção artistica, dão-nos a idêa de que estam prestes a desapparecer submersos nas ondas de vegetação, cada vez mais vigorosa.

CAPITULO VI

**As guerras com a França e Hespanha.
A primeira e segunda invasão franceza° (1794–1809).**

A situação deploravel de Portugal ao findar o seculo XVIII e alvorecer do seculo XIX traduz, a par do maior indifferentismo publico, a tibieza, a subserviencia e a pusillanimidade das chamadas classes dirigentes. A falta de educação, ou por outra, o excesso de fanatismo arrastava o paiz ás peores aventuras, e entregava-o depois manietado aos pés do inimigo. Não se fugia ao perigo, é certo; mas avançava-se ás cegas para elle e depois recuava-se ignominiosamente...

Foi assim que, levados pelos excessivos sentimentos tradiccionalistas, nos envolvemos loucamente nas guerras da colligação europea monarchico-catholica contra a França revolucionaria, batalhando ao lado da Hespanha no Roussilon.

Foi assim tambem, que ajustada a paz de Basiléa em 22 de julho de 1795 entre a França e a Hespanha o nosso paiz não foi considerado no ajuste, e ficou enredado em deploraveis negociações, para alcançar egualmente a paz da Republica Franceza. Descrever aqui a historia d'essas negociações, arrastadas durante longos annos, seria fazer a autopsia cruel d'uma epocha, que se distinguiu pelos peores excessos reaccionarios, substituindo o culto dos interesses nacionaes pelo triumpho feroz d'uma politica ultramontana.

Portugal estava mettido entre dois fogos. Por um lado tinha tomado as armas contra a França, sem que á lucta fosse chamado por qualquer fim superior a defender; por outro lado era o *fiel alliado* da Inglaterra, e esta potencia, inimiga figadal da França, aproveitava-se da nossa fraqueza, apoderando-se das colonias a titulo de as defender, servin-

do-se das nossas armadas para as suas emprezas maritimas, como aconteceu com a esquadra do Marquez de Nisa, e dos nossos portos para base naval e abastecimento das suas frotas, que á vista da nossa costa, em aguas territoriaes, faziam presas e toda a casta de actos de guerra sobre os navios francezes.

De modo que Portugal para contentar os inglezes violava as leis da neutralidade; e para alcançar as boas graças dos francezes offerecia-lhes até subsidios annuaes!

No entanto Napoleão Bonaparte começava de impor a sua espada victoriosa a toda a Europa.

As guerras que a França sustentara em defeza propria, iam transformar-se em guerras de aggressão. O corso sonhara um imperio universal, qual outro Cesar. Para cumprir esse destino poria a Europa a ferro e a fogo, fazendo e desfazendo nacionalidades, levando a toda a parte o desespero e a morte. Napoleão vencia em campanhas fulminantes, subjugando por momentos todos os povos, menos um — o eterno rival, o odiento bretão. Este zombava do seu poder, porque tinha o mar, amplo, grande, onde desafiava todas as coleras do corso; o mar, vasto campo de lucta em que o nome d'um Nelson vibrava como clarim de guerra, apregoando a fama e o poderio d'uma grande nação, que apezar de limitada ás suas ilhas, estendia já o seu imperio por longinquas paragens.

Portugal ia ser o joguete dos dois collossos, o campo de batalha em que derimiriam as suas questões

Não nos livrou, portanto, tanta subserviencia perante os contendores, da guerra de 1801 com a Hespanha, na qual perdemos para sempre a praça de Olivença e as forças portuguezas sob as ordens do decrepito Duque de Lafões fizeram a figura mais vergonhosa. Alguns casos isolados de coragem e abnegação illustraram apenas o nome de poucos portuguezes; e entre esses seja-nos licito citar aqui o do intrepido Gomes Freire d'Andrade.

Nas luctas diplomaticas, como nos transes afflictivos de aggressão armada, o auxilio da Inglaterra era sempre instantemente pedido e quasi sempre sobranceiramente recusado. Se lhe rogavam que nos mandasse tropas, enviava, como aconteceu em 1797, um contingente de 6000 homens, que em vez de irem combater o inimigo, occupavam logo os pontos estrategicos de S. Julião da Barra e Bugio. Se pediamos dinheiro, dizia que não... No entanto o *fiel alliado*, fazendo sempre o jogo contra a França, contrariava, tanto quanto lhe aprazia, o seu *velho amigo* portuguez se este procurava sair

d'uma posição perigosa, como aconteceu, por exemplo, quando conseguimos em 1801 negociar um tratado vantajoso de paz com a França, que não foi ractificado por causa da Inglaterra.

Quando em 1803 rebentou novamente a guerra entre a França e a Gran-Bretanha, outra vez nos vimos em serios embaraços para manter a neutralidade.

Desejando acalmar a colera de Bonaparte, a regencia do principe D. João (que governava o reino em nome de sua mãe demente D. Maria I) offereceu um subsidio annual á França, que foi acceito. Portugal ficou, por este facto, na linda posição de um paiz neutral a pagar a um dos belligerantes! E como sempre, continuou a auxiliar os seus *bons amigos inglezes* que a todos os momentos abusavam do fraco e pusillanime alliado...

Correram assim as cousas, peor ou melhor figuradas, até que, em 21 de novembro de 1806, Napoleão decretou o bloqueio continental da Europa contra a Inglaterra, obrigando o governo portuguez a definir a sua posição.

Não vamos contar agora, porque sae dos limites d'este trabalho, as vicissitudes porque passaram as negociações logo entaboladas pela diplomacia portugueza com a França e a Inglaterra afim de evitar a guerra. Entalados sempre entre a inimisade reciproca das duas grandes nacionalidades, não praticámos então com a firmeza que aliás nos faltara nos anteriores transes.

A França e a Hespanha combinavam-se entretanto para a invasão e partilha de Portugal. N'esta conjunctura ainda o principe D. João experimentou o ultimo esforço para abrandar a colera de Bonaparte: *mandar pedir para o principe da Beira, D. Pedro de Alcantara, a mão da filha de Murat, feito grão-duque de Berg, um dos marechaes do Imperio!* Não sortindo effeito o expediente, a côrte preparou as malas para fugir á invasão dos francezes, embarcando para o Brazil n'uma esquadra portugueza comboiada por navios de guerra inglezes. D. João abandonando a patria no dia 27 de novembro de 1807 depois de nomear a regencia que ficaria governando na sua ausencia, não deixou de recommendar aos seus fieis subditos *que recebessem os francezes como amigos...*

Os francezes sob as ordens de Junot entraram em Lisboa sem resistencia em 30 de novembro de 1807. Eram um bando de maltrapilhos, incapazes de resistir á carga d'um esquadrão de cavallaria!... Custa a crer que nem uma iniciativa patriotica apparecesse então a tolher o passo ao fraco inimigo. Havia um marasmo, uma apathia, como que uma syncope que fizesse paralysar a vida, a energia da alma popular.

A 13 de dezembro, porém, já o povo de Lisboa tumultuava no Rocio, *aos vivas a Portugal e morras aos francezes*, vendo arriar no Castello de S. Jorge a bandeira nacional para ser substituida pelas *aguias imperiaes. Os amigos* de D. João reprimiram a tiro as manifestações. Era o baptismo do fogo, corria sangue portuguez e a nação despertava.

Os ambiciosos francezes exigiram fortes tributos do paiz e malquistaram-se por toda a parte, exercendo as mais atrozes violencias. De tudo se apoderavam ou desorganisavam, aproveitando-se até das ultimas forças armadas mandando-as para França a servir o seu Imperador. Lá foi a heroica *Legião Luzitana* de que fez parte Gomes Freire d'Andrade.

No entanto a Hespanha revolucionava-se contra os imperiaes. Portugal seguiu-lhe o exemplo e em pouco tempo a mais terrivel insurreição se alastrou a todos os cantos do paiz. Começou a guerra temivel das guerrilhas, o assalto á mão armada a todos quanto fossem suspeitos de francezes. Era uma lucta sem treguas, uma perfeita caçada de cannibaes. Em balde Junot reprimiu selvaticamente esta ou aquella cidade ou villa que mais se salientava na revolução, como aconteceu a Evora e Beja. O incendio apagado n'um ponto, rebentava n'outro, de modo que em pouco os francezes só eram senhores do terreno que pisavam. Os aldeões e os serranos desciam aos caminhos a montear o inimigo, a pilhar os comboios, a assassinar os soldados extraviados. Para ninguem havia quartel. Era o odio feroz aos sacrilegos, que arrombavam as egrejas e roubavam os santos emblemas; aos violadores de mulheres, aos ladrões que desvastavam os campos e por toda a parte semeavam a morte e a miseria. Se o sino da egreja tocava a rebate, toda a aldeia se punha em movimento *aos vivas e aos morras*...

N'esta conjunctura, quando pela formação expontanea, das Juntas a insurreição popular se organisava, a Gran-Bretanha, que limitára até ali o seu auxilio, entre outras proezas do mesmo jaez, a assenhorear-se da ilha da Madeira a titulo de a defender, fez desembarcar em Buarcos (5 de agosto de 1808) um exercito inglez sob as ordens de sir Arthur Wellesley, mais tarde conhecido universalmente por *Lord Wellington.*

A's forças britanicas juntou-se apenas um contingente de 2592 portuguezes, e não mais por terem rebentado desintelligencias entre o general Wellesley e Bernardino Freire e Pinto Bacellar, que commandavam as tropas portuguezas organisadas pela Junta do Porto.

Seguiram-se successivamente as batalhas de Roliça e de

Vimeiro, nas quaes os francezes foram desbaratados, tendo de retirar de Portugal conforme se pactuou na celebre Convenção de Cintra em 15 de setembro de 1808, embarcando com honras de guerra e levando para fóra do paiz incalculaveis riquezas.

A Convenção de Cintra causou geral indignação.

Entre a primeira e a segunda invasão, Portugal procedeu activamente á organisação das suas forças militares. Como não havia general de confiança (os melhores andavam na *Legião Lusitana* ao serviço de Bonaparte) a Regencia do Reino, de accordo com a Inglaterra, escolheu William Carr Beresford para commandante em chefe. E' de justiça dizer-se que o exercito portuguez ganhou muito com a disciplina de ferro implantada pelo inexoravel bretão (mais tarde tristemente celebrisado como *carrasco* de Gomes Freire).

Duas divisões inglezas dos generaes Sherbrooke e Mackensie uniram-se por essa epoca ás tropas portuguezas.

Soult á testa do exercito francez na força de cerca de 25000 homens, avançou de Tuy entrando em Portugal por Trás-os-Montes. O general Silveira com 5000 homens, na maior parte das milicias, tentou oppôr-se á invasão auxiliado pelas forças hespanholas do marquez de La Romana. A breve trecho, porém, teve de abandonár Chaves, porque os hespanhoes retiraram tanto que viram o inimigo.

Soult perseguiu os portuguezes, que recuaram até Villa Pouca d'Aguiar. Os invasores tomaram depois Braga, forçaram a passagem do rio Ave e no dia 27 de fevereiro de 1809 chegaram ao Porto, que facilmente foi tomado.

Deu-se então uma tremenda catastrophe, que ainda hoje os portuenses recordam com pavor. A ponte que unia o Porto a Villa Nova de Gaia era de barcas.

A multidão fugindo ao francezes tomou por ella.

Passaram a salvo os primeiros magotes de povo. Subito a ponte abateu em parte, ou abriu-se um dos seus alçapões, as guardas lateraes quebraram e a torrente humana começou de precipitar-se nas aguas torvas do rio. Morreram milhares e milhares de pessoas, porque a multidão desvairada, não presentindo o perigo, continuava a seguir o caminho da sinistra ponte. E quem lá entrava não podia voltar atraz, rompendo a onda dos fugitivos...

Soult estabeleceu-se no Porto, tratando os habitantes com certa humanidade e diplomacia. Seguiu-se uma serie de escaramuças e combates, em que as tropas portuguezas deram segura prova de quanto tinham aproveitado com a disciplina de Beresford.

Wellesley veio depois tomar a direcção suprema das operações, assumindo o commando do exercito luso-anglo·

Repellindo para o norte as divisôes francezas, forçando a passagem do rio Douro por uma manobra arriscada, Wellesley conseguiu fazer evacuar o Porto. Soult metteu-se pela estrada de Penafiel em direcção á fronteira, mas em breve se viu ameaçado do lado de Chaves pelas forças alliadas do commando de Beresford, e do lado de Braga pelas tropas de Wellesley, que lhe vinham na piugada. Em tão embaraçosa conjunctura, o marechal francez fez encravar a sua artilharia e queimar as bagagens e munições, depois do que, atravessando montes e caminhos tidos por impraticaveis, conseguiu internar-se na Galliza com o seu exercito.

Assim acabou a segunda invasão franceza.

O paiz ainda não estava, porém, livre do inimigo e por novas provações ia passar.

Um terceiro exercito francez sob as ordens de Massena preparava-se para submetter Portugal.

CAPITULO VII

A terceira invasão franceza. A batalha do Bussaco. A capella das Almas. O monumento commemorativo da victoria.

Napoleão não desanimara no proposito de conquistar Portugal e derrotar a Inglaterra. Determinou, por isso, que se iniciasse nova campanha em 1810, organisando-se outro exercito invasor com as forças em operação na Hespanha.

Para commandar as tropas, o Imperador escolheu o marechal Massena, *o querido filho da victoria*. O exercito era composto de tres corpos: *o segundo* sob as ordens de Regnier, *o sexto* sob as ordens de Ney e *o oitavo* sob as ordens de Junot. Coadjuvando as manobras, outro exercito do commando de Soult devia investir Portugal pelo lado do Alemtejo.

E' preciso fazer notar, desde já, que este ultimo auxilio nunca foi prestado e o facto explicou-se pela rivalidade entre Soult e Massena.

O Imperador, ao mesmo tempo que organisou a expedição, determinou que ella só fosse levada a effeito nos fins do verão e principios do outono, por lhe parecer a epocha mais propria para as operações militares em Portugal.

Este lapso de tempo serviu a Wellington para preparar demoradamente a defeza, fazendo construir as celebres linhas de Torres Vedras na previsão de que aquellas inexpugnaveis fortificações seriam barreira insuperavel á invasão.

Deu-se na construcção das famosas linhas um caso unico na historia: apezar de n'ellas terem trabalhado milhares de pessoas nunca transpareceu a minima noticia das obras. Um inviolavel segredo manteve-as sempre ignoradas dos francezes! Santo exemplo de patriotismo que redimia todas as faltas.

Preparada assim methodicamente a defeza, aguerrido e disciplinado o exercito luso-anglo, Wellington poude esperar confiadamente.

Massena, depois de tomada Ciudad-Rodrigo, passou a fronteira portugueza em 24 de julho de 1810, encontrando apenas ligeira resistencia da parte da divisão ligeira do general Crawford nas margens do Côa. Repellida esta divisão, os francezes poseram cerco á praça de Almeida, que se sustentou heroicamente sob as ordens do brigadeiro William Cox. Tendo, porém, uma bomba franceza feito explodir o paiol da polvora da praça, e causado irreparaveis estragos e desastres, Almeida teve de render-se ao inimigo, (31 de agosto), que depois em escaramuças e ligeiros combates com os alliados ali se manteve algum tempo.

Só em 16 de setembro começou a marcha das forças de Massena, deante das quaes, e lentamente, ia recuando o exercito luso-anglo, levando deante de si as populações, que em obediencia a uma ordem da Regencia, queimavam as suas casas, destruiam e talavam os campos, deixando atraz um deserto, onde os inimigos da patria não encontrariam recursos. Espantoso exemplo de abnegação e heroismo, que a Russia depois seguiu!

Os francezes, surprehendidos com tal systema de defeza, avançavam vagarosos pela Beira Alta, entrando em Vizeu, completamente abandonada, em 20 de setembro.

Depois de ter ali convocado os officiaes do seu estado maior, Massena resolveu de accordo com elles marchar sobre Tondella e em Santo Antonio do Cantaro atravessar a serra do Bussaco.

Em 21, a vanguarda franceza avançou rapidamente sobre Santa Comba Dão. Na ponte do Criz o brigadeiro general Pack oppoz alguma resistencia; depois do que se retirou, cortando a ponte, e uniu-se em Mortagua ás forças de Crawford. Concertada a ponte do Criz, começou por ella e por um vau, que ficava perto, a passagem do exercito francez, demorando estas operações até 25.

A vanguarda dos alliados continuou retirando até Santo Antonio do Cantaro, onde fez vigorosa resistencia.

Em 26 todas as forças do exercito francez (70:000 a 80:000 homens) estavam reunidas na base da serra do Bussaco, cujas alturas, dominando a matta e estendendo-se para um outro lado, se encontravam occupadas pelo exercito luso-anglo sob as ordens de Wellington, na força aproximada de 50:000 homens (26:000 portuguezes e 24:000 inglezes).

Tendo feito um reconhecimento superficial ao terreno,

Massena julgou que a posição do Bussaco era a chave do caminho de Lisboa, e resolveu tomal-o no dia seguinte, apesar da opinião em contrario de Ney, Regnier e Junot.

Ney opinava por retirar sobre Vizeu e Almeida, e d'ahi escrever para Paris pedindo reforços. Massena, julgando que o conselho de Ney occultava o proposito de o desviar da victoria certa e de o malquistar com Napoleão, repelliu todos os pareceres em contrario e resolveu o ataque.

*
* *

No dia 27 pelas duas horas da noite todo o exercito francez se poz em movimento, indo occupar as posições designadas previamente.

O *sexto corpo*, do commando de Ney, formava a ala direita sobre a estrada que conduz ao convento do Bussaco. No centro ficaram o *oitavo corpo* sob as ordens de Junot, a reserva e a cavallaria. Na ala esquerda estava o *segundo corpo*, commandado por Regnier.

O glorioso dia 27 de setembro de 1810 amanheceu sombrio. O profundo valle e as escarpas da montanha, onde se ia realisar o sanguinolento recontro, estavam immersos em nevoeiro.

A's seis da manhã e aos gritos de **Vive l'empereur** a divisão Merle do *segundo corpo* lançou-se ao assalto. O 2.º ligeiro, o 32.º de linha e o 31.º ligeiro commandados pelo general Sarrat galgaram intrepidamente a serra. O terreno foi disputado palmo a palmo pelos intrepidos e bisonhos caçadores portuguezes, auxiliados por algumas tropas inglezas. O primeiro impeto, porem, era sempre a favor das hostes de Napoleão. Os francezes avançaram e levando deante de si o 8.º de infantaria portugueza, invadiram e tomaram a planura. A victoria foi, comtudo, de curtissima duração, porque o fogo dos canhões do exercito alliado prestes começou a desimar as fileiras inimigas, quasi á queima roupa.

Os francezes não se poderam então sustentar no alto da serra, e abandonaram a posição, perseguidos de perto pelo 8.º portuguez, secundado pelos 88.º e 45.º inglezes, que de bayoneta calada não davam um instante de tregua ao inimigo. Debalde os aguerridos francezes se acoitam a um tufo de verdura, a uma dobra de terreno, a um penedo, procurando fazer face aos perseguidores. Debalde, porque a resistencia é impossivel. O sangue corre a jorros, os recrutas portuguezes recebem n'esta primeira investida o baptismo do fogo, não querem parar, avançam sempre, grandes na intrepidez e na

energia de alma, apezar de tão pequenos na estatura em contraste flagrante com os alentados bretões...

Ao mesmo tempo a brigada Foy, da divisão Hendelot, (tambem do 2.º corpo) avançava pela estrada, lançando-se ao assalto, que foi repellido pela brigada portugueza de Champalimaud, apoiada pelo 74.º inglez. Os francezes não tiveram tempo de desenvolver a linha de batalha. O general Foy caiu ferido por uma balla, e as suas tropas, acossadas, recuaram, indo formar-se na planicie sob a protecção da cavallaria de Montbrun.

Os imperiaes, comtudo, não desanimavam com estes revezes. Chega agora a vez de entrar em acção a ala direita do commando de Ney. D'este lado, destinaram-se ao ataque das alturas as divisões de Marchand, Loison e Mermet, formando esta ultima a reserva.

A divisão Marchand avança sobre a aldeia de Sulla. Depois de uma heroica resistencia, a divisão portugueza que a defende durante tres quartos de hora, retira para o alto da serra, onde se reorganisa.

A brigada do general Ferrey, da divisão Loison, trepa a montanha a muito custo, mas não consegue manter-se ante o fogo da divisão portugueza Coleman.

No emtanto a divisão de Marchand chegava a passo de carga, mas não póde tambem firmar-se á beira das penedias. O 7.º de infantaria portugueza abre sobre ella um fogo intensissimo e o bravo 19.º de Cascaes, commandado pelo coronel José Cardoso de Sotto Maior, dá uma impetuosa carga de bayoneta, que provoca a admiração dos adversarios e o enthusiasmo dos fleugmaticos inglezes. A carga do 19.º teve as honras do dia no cruento combate...

A estes ataques de flanco, que duraram cerca de duas horas e meia na sua phase mais aguda, se limitou a batalha do Bussaco, onde as tropas portuguezas mostraram de quanto eram capazes quando bem dirigidas e disciplinadas.

A batalha foi bastante sanguinolenta, apezar de não se terem empenhado n'ella, de uma parte e outra, todas as forças. As perdas dos francezes foram avaliadas em 4.500 mortos e feridos. Os alliados tiveram para mais de 1.000 baixas.

Vendo Massena que era impossivel tomar a posição, convocou Ney, Regnier, Junot e Freirien para deliberarem, decidindo-se tornear a montanha.

Massena mandou os generaes Montbrun, St. Croix e Lamote a descobrir terreno; e emquanto não alcançou resultado, manteve o exercito durante o resto do dia 27 e parte de 28 em tiroteio com os alliados. Ás 3 horas da tarde de 28, St.

Croix voltou tendo achado o caminho, que por Boialvo torneava a esquerda do exercito luso-anglo e ia dar á estrada real do Porto a Lisboa, em planicie fertil e desafogada.

O exercito francez começou a retirar na noite de 28 para 29, o que foi percebido por Wellington e o levou a abandonar apressadamente o Bussaco em direcção a Lisboa.

A execução do plano de defeza continuou inexoravel. Os francezes avançaram sempre sobre um terreno devastado, falho de todos os recursos materiaes, até que deram de frente com as formidaveis linhas de Torres Vedras, onde se quebraram todos os seus esforços heroicos. Massena, o *querido filho da victoria*, fôra pela primeira vez vencido. A estrella de Napoleão começava a empallidecer.

Fóra da cerca do Bussaco, perto da porta da Rainha, existe a capella das almas do Encarnadouro, que serviu de hospital de sangue durante a batalha. E' um pequeno e gracioso edificio, disposto em fórma de **T**, que se levanta ao norte do monumento commemorativo, de que adeante fallaremos.

O fundador da capella foi um tal Luiz Rodrigues, de Santa Christina da Serra, assistente no deserto de Santa Cruz no Bussaco, o que tudo consta do seu testamento de 3 de maio de 1783. Na altura em que a ermida se acha collocada, 633 metros acima do nivel do mar, domina-se um largo horisonte.

Tem a capella n'um dos braços do **T** a sacristia, e no outro a casa da guarda militar do monumento. Um pequeno adro, a cavalleiro de profundo valle, estende-se deante da fachada principal.

O gracioso templo tem uma só nave, separada da capella mór por um arco de cantaria.

O altar-mór, rico de marmores, é d'uma singular belleza, ornamentado com as suas estrellas do mais fino alabastro realçando no fundo do marmore preto. O retabulo possue subido valor archeologico, além de grande valor artistico, em razão de ter pertencido a uma antiga edificação religiosa de Lisboa. O painel das almas, que está enquadrado no retabulo tira o seu principal merecimento de ser o primitivo, de que proveio a invocação da capella.

O templo recebe abundantissima luz pelas janellas lateraes e pela que encima o côro.

Pelas paredes existem varias gravuras de muito valor allusivas á batalha do Bussaco e outras scenas da guerra penin-

sular. Vê-se ali tambem uma grande planta indicando a posição geral dos exercitos francez e luso-anglo em 26 de setembro de 1810 e o movimento dos francezes em 28 de setembro.

Os paramentos da capella, pertencentes d'antes aos jesuitas, são de muito gosto, de fino e apurado lavor.

A poucos passos da capella, sobre larga plataforma dominando o campo da batalha, levanta-se o monumento commemorativo do glorioso feito de armas. E' uma pyramide quadrangular, feita de varias peças, firmada sobre pedestal de quatro faces, lendo-se inscripções apropriadas nas faces voltadas a nascente e poente. O pedestal apoia-se em base mais larga, servida de dois degraus. Algumas antigas peças, collocadas com a bocca para o solo e presas umas ás outras por correntes de ferro, resguardam convenientemente o monumento, que é encimado por uma estrella de christal. Outras peças de artilharia, montadas sobre as suas carretas, ladeiam a vasta plataforma...

O monumento foi levantado graças á iniciativa do coronel de artilharia sr. Joaquim da Costa Cascaes.



INDICE

ERRATAS

Na pagina 17, e na linha 7.ª, onde se lê *estonteante*, deve ler-se *estonteadora*.

Na mesma pagina, linha 14.ª, onde se lê *aos carros*, deve ler-se *ao dos carros*.

Na pagina 25, linha 17.ª, onde se lê *precedencia*, deve ler-se *procedencia*.

Na pagina 31, nas linhas 10.ª e 11.ª, onde se lê *que representa*, deve lêr-se *que representam*, e nas linhas 34.ª e 35.ª, onde se lê *deparámos com a* deve lêr-se *deparámos a*.

Outros pequenos erros escaparam, que o leitor corrigirá facilmente.

Annaes da Academia de Estudos Livres

I	*Ensino inicial de leitura,* por J. Augusto Coelho	200 réis
II	*O marinheiro portuguez atravez da historia,* por Vicente Almeida d'Eça	200 »
III	*Da unidade de pensamento no cyclo das descobertas,* por Henrique Lopes de Mendonça	200 »
IV	*Uma excursão á Serra da Arrabida* (esgotado)	100 »
V	*O Castello de Palmella,* (esgotado)	100 »
VI	*Excursão no Tejo até ao canal d'Azambuja,* (2.ª edição)	100 »
VII	*Excursão á Fabrica de Cimento de Portland Artificial Tejo,* em Alhandra	50 »
VIII	*Uma excursão a Santarem—Atravez da cidade—Lendas,* por João Arruda	200 »
IX	*Tricentenario da publicação de D. Quixote,* por Theophilo Braga	200 »
X	*No Bussaco,* (historia, paysagem, descripções), por Cardoso Gonçalves	200 »

Prestes a sahir do prelo:

XI *O Archivo da Torre do Tombo—Sua historia, corpos que o compõem e organisação,* por Pedro d'Azevedo e Dr. Antonio Baião

Outra publicação esgotada

Subsidio para a grande subscripção nacional (em 1890).

Os *Annaes da Academia de Estudos Livres* encontram-se á venda na Livraria Ferreira e Oliveira, rua Aurea, 132 a 138, Lisboa.




GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00010 2059

